

ABSOLUTAMENTE FABULOSO

Marcelo Mendes¹

O vestido vermelho lhe roçava o corpo, de maneira a revelar-lhe algo íntimo que, talvez, ainda não conhecesse. É como, ela pensava, é como estar tomada pelo próprio movimento, aprendendo a dançar, como se eu nunca houvera dançado – ou melhor: como se tivesse perdido uma perna, algo que me toma o equilíbrio anterior. Deitada numa cama sem formato definido – pelo menos longe do alcance dos olhos ávidos por transformar tudo em ver –, ela sentia-se profundamente tocada, apesar de entender tudo aquilo segundo o seu limitado vocabulário: movimento, dança, desequilíbrio, profundidade. Frações do que realmente poderia sentir, não houvesse a restrição imposta por sua língua, por sua vida anterior inteira – inclusive a vida que havia antes dela. Inclusive eu.

Do outro lado, ao seu lado imediato, uma mulher triste tenta se manter sóbria, apesar dos olhos rasos d'água, cheios de compaixão ou qualquer sentimento nobre. Ela sabe que não pode conter o vestido vermelho, organizá-lo. Mas sabe disso sem deixar que ele corra, transforme-se em algo além daquilo que ela sabe. Ela olha, vê a cama por inteiro, descobre-lhe os contornos, conhece as dimensões. Vê a madeira escura, os lençóis que sabe macios, as dobras que vêm se integrar ao desenho da outra que, para ela, apenas se movimenta quase sem se mexer, treme. É um mistério pra mim, diz, pensa, revelando o sotaque que não tentava disfarçar – era só o silêncio. O vermelho para ela significava sangue, a profunda condição do ser humano, seja o que for.

Essa segunda mulher espera um homem, alguém que a possa ajudar. Alguém que, talvez, nunca viesse, simplesmente porque não sabe que ela ainda conta com ele. Esta só, com a moça de vermelho a ter pequenas convulsões – aos seus olhos. Havia encontrado-a no corredor, jogada em frente à porta aberta, como quem quisesse sair, mas não conseguira juntar forças. Achou-a febril e resolveu ajudar, mesmo sem entender – mesmo, inclusive, sem precisar fazê-lo. Pegou-a pelas mangas vermelhas de seu belo vestido e arrastou como pôde para essa cama em que ela agora murmura. Não poderia entender a dança, talvez por distanciamento, a intensidade daquela quase falta de movimento. Estava, ainda que com a moça de vermelho, só, em sua percepção. Não sabia disso, que estava só, sentia-se enternecida pela outra mulher, mas pensava que isso pudesse ser um sentimento comum, e não algo que só ela, naquele momento, fora capaz de sentir.

Reconfortada, ela caminha para fora do quarto, enquanto a outra, ainda que distante de seus olhos, agoniza – é o que acha e diria mesmo que sabe. Não há senso de humor em seu sorriso, não há sorriso em seu sorriso. É como um espasmo. Ela tem ódio, talvez o único sentimento puro, sente um pouco de solidão e, também, saudade. Ela ainda pode ouvir os murmúrios da outra, ainda pode vê-la acolhida pelas dobras daquele vestido vermelho – ainda sentia o gosto de sangue, a violência gráfica de uma

¹Doutorando do Departamento de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - WarceloWendes@gmail.com

tourada; qualquer coisa para qual o vermelho remetesse, sentia. Ainda assim, saía como quem não tivesse sido tocada pela outra, como se não a tivesse ajudado.

Ela tinha seus próprios problemas, ainda que, facilmente, se encantasse mais pelos problemas dos outros, e resolveu deixar a outra estirada na cama, sendo que havia esperado que ela se estabilizasse, quase dormisse – e ela considerava todo aquele movimento íntimo, foi assim que viu, um estar parado, quase dormindo. Ela continuava seu caminho, numa solidão que não se sente, ou que se nega para sempre – e assim que seria até o resto de sua vida, ainda que sentisse o conforto de não ser a outra (sem descobrir, jamais, que a outra tinha também sua própria alegria, seu próprio infinito, num breve movimento). Agitava-se, como que para provar a si mesma que não era refém do que vira no corpo da outra e que entendia como torpor. Poderíamos chamar todo esse movimento de agonia, sendo que apenas a levará a morte – enquanto a outra, em seus trajes vermelhos, contempla o infinito.